

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Cataguases

Departamento de Letras

Revista
de
Letras e Artes

Cataguases MG.
Janeiro-Dezembro 2002

Copyright © 2002 REVISTA DE LETRAS E ARTES.

Rua Romualdo Menezes, s/n. Cep: 36.773-084 Caixa Postal: 173

Tel: (32) 3421.3109 - 3422.1037.

Fundação Educacional Comunitária de Cataguases

Presidente: Dr. André Lourenço

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases

Diretora: Nilda Barbosa de Almeida

Núcleo de Estudo e Pesquisas, Pós-graduação, Informação e Difusão

Professor Dr. Jorge Luiz Prata de Sousa

Departamento de Letras

Professora Mestre Maria José Ladeira Garcia

Conselho Editorial:

Francis Paulina Lopes da Silva

Francisco Marcelo Cabral

Joaquim Branco Ribeiro Filho

Jorge Luiz Prata de Sousa

Maria José Ladeira Garcia

Sônia Irene Silva do Carmo

Revisão: Departamento de Letras

Capa: Luiz Lopez

Digitação: Irenilda Cavalcanti

Diagramação: Andréa Santos Modesto

Produção Gráfica: Mariano Lisboa III, Henry Jose Gedeon e Marcelo Lopes

Todos os trabalhos são de exclusiva responsabilidade dos autores.

FICHA CATALOGRÁFICA.

REVISTA DE LETRAS E ARTES. Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases, Cataguases, n. 3 , Agosto, 2002.

1. Literatura. 2. Língua Portuguesa.

I. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases.

CDD: 805

Sumário

1- Mito e Mineiridade: origens e heranças. Cristina Prates	7
2- Minas: estação saudade Aline Alves Arruda e Francis Paulina Lopes da Silva	15
3- Minas Gerais em Rosa e Bloch: ufanismo e humor. Fernanda Cristina Abrão e Francis Paulina Lopes da Silva	23
4- Memória Cultural em Poesia. Francis Paulina Lopes da Silva	31
5- Igrejas de Minas sob o olhar muriliano Mônica Moreira de Magalhães e Francis Paulina Lopes da Silva	45
6- Gatsby's Fall: A Problem of Communication Ângela Lamas Rodrigues e Maria Cristina Pimentel Campos	54
7- Beloved: A contextualização histórico-cultural na ficção de Toni Morrison. Cecy Barbosa Campos.....	62
8- O Estereótipo do Bem e do Mal em "Il Buon Affare". Clarissa Helena Feitosa de Lima Gomes, Maria Cristina Pimentel Campos, Iacyr de AguiarVieira e Nunziata Stefania Valenza	72
9- The Veiled Events: A Strategy in Macbeth Maria Cristina Pimentel Campos	78
10- Os signos temporais em O Muro Branco de Alves Redol. Maria José Ladeira Garcia	84
11- Psicóticos e neuróticos: Uma análise psicanalítica da demência em Fogo Morto Meire Elaine Matias e Francis Paulina Lopes da Silva.....	91
12- Das teorias do gênero lírico a Álvares de Azevedo Maria da Conceição Santana Lelis	103
13- O discurso metonímico de Álvaro de Campos. Thereza da C. Domingues.	115
14- Reality versus non-reality in the glass menagerie: A psychoanalytical study Nilva da Silva Lima e Maria Cristina Pimentel Campos	130
15- Análise argumentativa de manchetes jornalísticas. Cristiane Cataldi dos Santos Paes	139
16- A função indexical do acento enfático em Português Carlos Alexandre Gonçalves.	146
17- A questão do acesso da fonologia à morfologia Carlos Alexandre V. Gonçalves.	156
18- Is hester to be blamed or to be applauded? Edna de Freitas Lima e Maria Cristina Pimentel Campos	162
19- A era pós-moderna Luiz Carlos Moreira Rocha	167
20- Understanding the future . Ronivaldo Braz Da Silva	171
21- Uma análise sobre o ensino de vocabulário para aprendizagem de inglês Norma Barbosa de Lima , Maria Cristina Pimentel Campos e Gracia Regina Gonçalves	176
22- O universo das leis no contexto dos contos de fadas: aspectos jurídicos subjacentes. Nunziata Stefania Valenza, Maria Cristina Pimentel Campos, Iacyr de Aguiar Vieira e Clarissa Helena Feitosa de Lima	185
23- Using Literature to Teach ESL. Paula Jane Ross	195
24- Critérios para avaliação de redações. Violeta Virginia Rodrigues	204
25-Movimentos, jogos, comunicação oral: o ensino de línguas estrangeiras para crianças - Abordagem antropológica Nívia Figueiredo Amaral	225

16- A função indexical do acento enfático em Português

Carlos Alexandre Gonçalves.*

Neste artigo, analiso o binômio Acento Enfático - Variação Sociolingüística, procurando atingir, mais restritivamente, o seguinte objetivo: verificar se há pressões sociolingüísticas atuantes na determinação do Acento Enfático, observando se ele veicula informação indexical (cf. Gonçalves, 1997).

A fim de alcançar o propósito acima traçado, lanço mão de procedimentos analíticos específicos à Teoria da Variação (cf. Labov, 1972), de um lado, e à Fonética Acústica, de outro. Por esse motivo, parto do pressuposto de que (1) existem determinadas restrições para o emprego do Acento Enfático; e de que (2) tais restrições não são aleatórias, mas regidas por forças de natureza sociocultural.

Por supor que o emprego do Acento Enfático pode ser condicionado, direta ou indiretamente, por fatores extralingüísticos, como sexo e idade, utilizei parte do acervo de fala conhecido como Amostra Censo de Variação Lingüística. Para analisar o parâmetro que acreditei exercer influência no emprego do Acento Enfático (sexo), não pude, como recomenda a tradição laboviana, recorrer exclusivamente a dados variáveis. Ao contrário, para obter os percentuais referentes ao fator controlado, trabalhei tão-somente com casos categóricos, isto é, com dados efetivamente focalizados através do Acento Enfático, haja vista que, em princípio, não se pode prever que parcela do texto irá ser enfatizada¹. Em decorrência disso, não pude

* Professor de Língua Portuguesa UFRJ.

¹ De fato, o Acento Enfático, por sua natureza paradigmática, pode incidir em qualquer parcela do texto que o falante julgue relevante. Por isso, é impossível prever, de ante-mão, qual será o elemento realçado no texto.

fazer uso do Programa Computacional VARBRUL 2s, que calcula, além da frequência, os pesos relativos de cada variável sob análise.

Apesar de me escudar nos pressupostos da Sociolinguística, não pretendo, com isso, proceder a uma análise multivariacional do fenômeno, mesmo porque ele não é suscetível desse tratamento, dada sua natureza paradigmática (cf. nota 1). Utilizo o modelo laboviano somente como pano-de-fundo para a investigação, uma vez que procuro mostrar que (1) o Acento Enfático (em especial, o de intensificação) está sujeito a pressões externas e que, por isso, (2) é possível descrever o “perfil social” dos falantes considerados mais enfáticos.

No total, foram rastreados duzentos e noventa e sete dados, dos quais 70% são de ‘Ênfase Intensiva’, nas três subclassificações propostas-(i) ‘com Marcador Focal’, (ii) ‘sem Marcador Focal’ e (iii) ‘Vocábulos Naturalmente Enfáticos’ (cf. Gonçalves, 1997). Os noventa e dois restantes aparecem assim distribuídos: (a) setenta e nove (26%) são de ‘Ênfase Contrastiva’ (dos quais 81% (sessenta e quatro) envolvem ‘contrastes corretivos’ e apenas 19% (quinze), ‘contrastes simples’) e (b) treze (4%) são de ‘Ênfase por Silabação’.

A ‘Intensiva com Marcador Focal’ ocorre quando, paralelamente ao Acento Enfático, atua o que se pode chamar de ‘Morfema de Ênfase’: advérbios, quantificadores e afixos de grau (cf. “A casa da Filomena é MUIto bonita”). A ‘Intensiva sem Marcador Focal’ faz uso unicamente do Acento Enfático para pôr um vocábulo em evidência no texto por meio da intensificação, como em “O doce de abóbora que a D. Dalva faz é gostoooooso!”. Por fim, ‘Vocábulos Naturalmente Enfáticos’, como, por exemplo, ‘terrível’, ‘fantástico’, ‘excelente’ e ‘péssimo’, apresentam uma semântica de intensificação reforçada pela proeminência acentual na primeira sílaba.

A ‘Contrastiva Corretiva’ coloca um termo em evidência pelo contraste, por correção, com outro previamente enunciado ou inferido a partir do contexto (cf. Maria não foi para casa de carro; ela foi de ônibus). A Não-corretiva, ao contrário, contrasta um termo a outro sem haver necessariamente uma

correção (cf. Maria foi para casa de carro; Ofélia foi de metrô). Por fim, a 'Ênfase por Silabação' focaliza um constituinte por meio da escansão silábica, como acontece em doce de abóbora que a D. Dalva faz é MA-RA-VI-LHO-SO!. Esse último tipo de Ênfase revela estados de espírito do falante (como em Agora, eu tomei uma decisão séria: A-CA-BOU!) ou intensificação (cf. Magnólia fez uma prova EX-CE-LEN-TE!).

No que diz respeito à variável sexo, pude chegar aos seguintes resultados, reunidos na forma do Gráfico (I), abaixo apresentado²:

75,7

Gráfico (I): Efeito da variável 'sexo' na determinação do Acento Enfático

Pelo Gráfico (I), constata-se que o Acento Enfático é de uso bem mais geral no discurso feminino, atingindo percentual de 75,7, contra apenas 24,3% na fala dos homens. Sem dúvida, os resultados autorizam afirmar que homens e mulheres enfatizam em proporções consideravelmente diferentes. Em decorrência disso, duas perguntas norteiam a leitura do Gráfico (I): (a) o que se esconde por trás dessas frequências? e (b) por que razão as mulheres são mais enfáticas?

As diferenças lingüísticas entre homens e mulheres constituem questão de interesse central nas abordagens multivariacionistas e as pesquisas vêm demonstrando serem estas últimas fortes candidatas ao uso de formas lingüísticas mais próximas do padrão, verificando-se o contrário com os homens. Admitem, ainda, que tal distribuição decorre, na grande maioria dos casos, da diferente socialização por que passam os sexos e da conseqüente atribuição de papéis a cada um. Nesses termos, cabe ao ho-

² Os índices de ocorrência do Acento Enfático, nos dois sexos, são os seguintes: 224/297, para as mulheres, e 73/297, para os homens.

mem uma fala (i) mais relaxada/distensa, (ii) mais alta e grave, e (iii) menos comprometida com a norma, condizente, portanto, com sua condição masculina, de sujeito de expressões mais “rudes” e comportamentos bem mais “agressivos”, de voz altiva e firme, que dê mostras, também pela linguagem, de toda sua virilidade (cf. West, 1983: 181-2).

De uma forma geral, as análises sociolingüísticas explicam os resultados da variável ‘sexo’, tendo por base, fundamentalmente, a noção de ‘prestígio social’: mulheres se orientam lingüisticamente para o prestígio das formas na comunidade, sendo, por isso, mais sensíveis às relações de valores que porventura possam aparecer impressas na fala. No entanto, essa explicação geral encontrada nos trabalhos de orientação multivariacionista (cf. Paiva, Oliveira e Silva & Roncarati, 1992), não parece adequada para o Acento Enfático. De fato, o fenômeno não carrega consigo nenhum status social (valoração). Em outras palavras, o uso ou não do Acento Enfático não confere ao indivíduo prestígio sociolingüístico na comunidade. Ao que tudo indica, enunciados com informação focal parecem não apresentar qualquer conotação social, quer pejorativa, quer valorativa, frente a sentenças não-enfáticas.

A meu ver, os resultados do Gráfico (I) apontam mais para uma relação de estereótipos que de valores sociais, propriamente. Para verificar se essa hipótese é consistente, elaborei um teste de avaliação, através do qual solicitei que cinco informantes do sexo masculino se manifestassem livremente quanto aos seguintes enunciados prototípicos, proferidos por um homem e por uma mulher, cada um:

(01) Dona Dalva faz um doce de côco GOSTO...SO.
(‘Ênfase Intensiva sem Marcador Focal’)

(02) A Andréa comprou um vestido branco e ficou ELEGANTÉRRIMA.
(‘Vocábulo Naturalmente Enfático’)

(03) Patrícia ganhou um carro usado SUPER CONSERVADO
(‘Ênfase Intensiva com Marcador Focal’)

(04) O feijão que a Edir faz é simplesmente MA-RA-

VI-LHO-SO!

(‘Ênfase por Silabação’)

(05) Dona Dalva faz um DOCE DE CÔCO GOS-
TOSO, não de abóbora.

(‘Ênfase Contrastiva Corretiva)

(06) EU fui pra casa de ônibus, A SHEILA, foi pra
casa de carro.

(Ênfase Contrastiva Simples)

Os resultados do teste de percepção me autorizaram chegar às seguintes conclusões:

(1) de uma forma geral, os informantes posicionaram-se favoravelmente aos enunciados, afirmando, por exemplo, que eles estão gramaticalmente corretos ou que não têm nenhum erro de pronúncia (Dan, 20 a., universitário);

(2) quanto aos exemplos (05) e (06), ou seja, os que envolvem ‘Ênfase Contrastiva’, não obtive comentários significativos, pois, na maior parte das vezes, os informantes se perguntaram: tem certeza de que há algo de errado com eles?;

(3) questionamento semelhante ocorreu com o enunciado (03), considerado gíria por apenas um dos informantes;

(4) com relação aos exemplos (01), (02) e (04), no entanto, pude colher depoimentos bastante taxativos, dentre os quais, destaco os seguintes:

1. Quando ela falou (o informante faz referência explícita ao exemplo (04)), eu não achei ruim não, mas quando ELE falou, ficou horrível. Ficou muito esquisitão (...). Também ficar falando assim, meio mole, macio, alongando, não pega muito bem não (com relação a (01)). (Dan, 20 a., universitário)

2. Ih! caramba! Parece coisa de boiola! Esse cara aí, heim? Não sei não! (comentário geral a (01), (02) e (04)). (Rub, 33 a., ginásio)

3. Sinceramente, eu não acho legal um homem falar assim não (exemplo (01)). Fica muito afrescalhado. Sabe de uma coisa: fica é ridículo mesmo. Coisa de bicha. Quem fala assim é mulher. Homem não. Fica muito efeminado (exemplo (04)).

Esquisito pra caramba (comentário geral). (Nel, 45 a., ginásio)

4. Eu não tenho nenhum preconceito contra gay não. Mas eu acho que falar assim pega muito mal. (Sil, 23 a., universitário)

Pelos depoimentos, percebe-se que a 'Ênfase por Silabação', a 'Intensiva sem Marcador Focal' e os 'Vocábulos Naturalmente Enfáticos' foram avaliados negativamente pelos informantes que participaram do teste. Em linhas gerais, essas estratégias de Focalização são taxadas como típicas do discurso feminino e, por isso, estigmatizadas quando pronunciadas/emitidas por um homem. Considero estigmatizados esses recursos de intensificação por despertarem reação negativa nos usuários, sendo objeto de críticas e, em alguns casos, até mesmo de chacotas (cf. comentário (07), mais adiante).

A tendência encontrada no teste avaliativo-perceptivo vai ao encontro dos resultados apresentados no Gráfico (I). Além disso, torna ainda mais consistentes os números a que cheguei quando distribuí os dados pela tipologia proposta, no Gráfico (II) a seguir³:

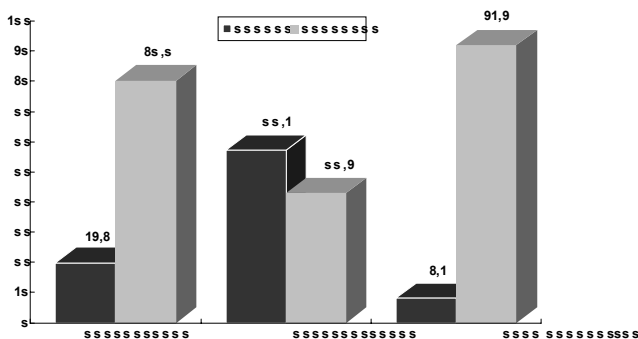


Gráfico (II): Distribuição dos dados, por sexo, na tipologia proposta para a Ênfase.

³ Os índices de ocorrência do Acento Enfático em cada sexo, pelos três tipos de 'Focalização Prosódica' propostos, são os seguintes:

tipo de Ênfase	homens	mulheres
'Intensiva'	40/205	165/205
'Contrastiva'	45/79	34/79
'por silabação'	1/13	12/13

Tabela (ii): Efeito da variável 'sexo' na determinação de cada tipo de Acento Enfático.

Concluindo, pode-se afirmar que essas estratégias de pôr em evidência um elemento do texto, enfatizando-o através da quantificação, encobrem relações de estereótipos sociais e, por isso mesmo, são de uso bastante restrito na fala dos homens. Na verdade, essa tendência confirma a idéia de que a língua é uma das realidades que mais reações preconceituosas suscita (Cf. Faraco, 1992: 17) Além disso, os (pré-)juízos de valores não têm a ver com a forma propriamente dita, mas, ao contrário, com as sutilezas das relações e dos papéis sociais.

No meu entender, os homens associam os tipos de Ênfase ora retratados a outros fenômenos prosódicos, como a Qualidade da Voz, por exemplo, entendida como traço entonacional característico de um falante particular (ou de uma classe de usuários). Essas estratégias de Focalização apresentam, pois, função indexical, haja vista estarem ligadas, entre outras coisas, à identificação de certas “tribos” (socio)lingüísticas, da mesma forma que o jeito de vestir, de andar ou mesmo de arrumar o cabelo.

De uma forma geral, essas estratégias são evitadas pelos homens porque tendem a ser vinculadas ao falar “gay”, caracterizado, nos dizeres de Thorne & Henley (1975: 115), por uma aproximação exagerada com o feminino, quer pela escolha lexical, quer (e principalmente) pela entonação⁴. O comentário (07) a seguir parece comprovar essa hipótese e ilustra um caso de Registro, visto, aqui, como mudança momentânea na Qualidade de Voz habitualmente empregada pelo falante para efeitos de ironia, “cor local” ou reforço. Nesse pronunciamento, o informante tenta imitar a fala efeminada de uma pessoa que conhece e, ao assim proceder, utiliza dois recursos de intensificação que discrimina: (1) a ‘Ênfase por Silabação’ e (2) os ‘Vocábulos Naturalmente Enfáticos’.

(07) Isso até me lembra a Xana falando, uma ‘drag-queen’, colega, quer dizer, conhecida da minha irmã, que mora lá perto de casa “aí (trejeitos) eu cheguei: MA-RA-VI-LHÉR-RI-MA,

⁴ Em estudo sobre a entonação dos efeminados, Moraes (no prelo: 07) também evidenciou que a Ênfase de fato se associa ao falar “gay”. Além disso, o autor concluiu que o que se pode chamar de “fala das dondocas” (ou estilo “perua”) muito se assemelha à fala dos efeminados, apresentando praticamente o mesmo comportamento prosódico deste.

de salto, CHIQUÉSIMA, ELEGANTÉRRIMA, AR-RASAN-DO...". (Rub, 33 a., ginásio)

A diferença no uso do Acento Enfático por homens e mulheres é, portanto, culturalmente marcada, muito embora se trate de mero juízo de valor, que não guarda nada com a forma em si (...) mas com as peculiaridades das organizações sociais (cf. Faraco, 1992: 17).

Coulthard (1991: 21) mostra que os "sotaques" masculino e feminino tendem a criar estereótipos e cita o Volume (fenômeno relativo à Qualidade da Voz) como um dos que se criam social, geográfica e culturalmente. Afirma, na página 19, que, na cultura ocidental, fala-se em uma "voz masculina grossa" e em "risada feminina fina", o que resulta mulheres com voz grave e homens com voz aguda parecerem completamente 'suspeitos'.

Acredito que o Acento Enfático de intensificação e a Silabação vêm a ser um desses estereótipos. Na realidade, essas estratégias de Focalização parecem veicular informações relevantes acerca de estilos vocais específicos, mais precisamente o estilo efeminado, e funcionam como uma espécie de 'sistema de sinalização', usualmente adotado para marcar papéis lingüístico-sexuais socioculturalmente definidos, caracterizando, pois, a função indexical do componente prosódico.

O teste de avaliação mostrou, portanto, (1) que a sociedade continua exigindo padrões de conduta e (2) que esses modelos de comportamento perpassam, infalivelmente, pelo lingüístico. Dessa maneira, a fim de não adquirirem características que os aproximem por demais do feminino, a ponto de revelarem indícios de bases femininas ou homossexuais, os homens tendem a evitar os recursos de intensificação ora destacados, optando, assim, por formas de quantificação consideradas mais neutras (ou não-indexicais). De fato, o Gráfico (III) mostra que a 'Ênfase Intensiva com Marcador Focal' é a mais empregada pelos homens⁵.

⁵ Os 40 dados de 'Ênfase Intensiva' empregados por homens distribuem-se da seguinte maneira: 28 para a 'sem Marcador Focal', 1 para a 'sem Marcador Focal' e 11 para os 'Vocábulos Naturalmente Enfáticos'. Dos treze dados de 'Ênfase por Silabação', somente um ocorreu na fala de homens adultos. Dessa maneira, o Gráfico (III) reúne 41 dados de intensificação.

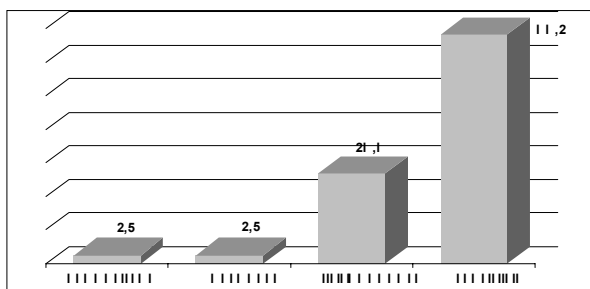


Gráfico (III): Estratégias de intensificação: percentuais na fala dos homens da ACVL.

O Acento Enfático e a Silabação têm uso mínimo nos homens da ACVL, que, na verdade, preferem estratégias de quantificação, por assim dizer, menos comprometedoras (não-marcadas), como a 'Intensiva com Marcador Focal'. Dessa maneira, o emprego de intensificadores lexicais, tipo 'muito' e 'mesmo', parece não implicar qualquer significado sócio-sexual, não sendo, por isso mesmo, revestido de estereótipos. 'Vocábulos Naturalmente Enfáticos' igualmente podem cumprir esse papel, haja vista que, como se nota no Gráfico (III), despontam como segundo recurso de maximização utilizado por homens, atingindo percentual de 26,8.

Os resultados do Gráfico (III), bem como minha afirmação no parágrafo acima, podem, à primeira vista, parecer contraditórios quanto aos itens enfáticos por natureza própria, pois tais vocábulos foram rechaçados pelos homens do teste de avaliação. Entretanto, quando me detive nos onze dados com essa especificação, percebi que nenhum deles apresentou qualquer informação de 'Foco Morfológico' operando de forma redundante. Dito de outra maneira, todos esses casos envolveram palavras simples, como, entre outras, 'detesto', 'fantástico' e 'péssimo', o que me leva a acreditar não serem todos os 'Vocábulos Naturalmente Enfáticos' carregados de pistas sócio-comportamentais. Ao que tudo indica, somente os afixados por meio da gradação intensiva, como 'elegantíssimo' e 'chiquíssimo', agem nesse sentido. Por essa razão, a informação indexical parece emergir não da 'Focalização Prosódica' propriamente dita, mas da combinação entre ela e a 'Focalização Textual' (prefixos e sufixos).

Em Gonçalves (1997: 301-50), assegurei que os 'Vocábu-

los Naturalmente Enfáticos' sem informação textual podem se manifestar de três maneiras distintas: (1) pelo Padrão geral desses termos, com elevação da frequência fundamental na primeira sílaba, independentemente do tamanho do item ou da posição de seu Acento Lexical; (2) pela escansão silábica, isto é, pela soletração de suas sílabas; ou, ainda, (3) pela fusão desses dois Padrões, isto é, com elevação da F0 na primeira sílaba seguida de pausa e de escansão. Na realidade, essas estratégias constituem formas alternantes que expressam o mesmo conteúdo (são equivalentes), mas diferem no que diz respeito ao sentido estilístico-contextual, haja vista que este último reinterpreta-se, no caso específico da 'Silabação Intensiva', à luz de um sinal codificado, sócio-culturalmente, como característico (ou marcante) do falar efeminado. Nesse sentido, não só o Acento Enfático, mas também afixos de grau apresentam função indexical em português.

Referências Bibliográficas

- COULTHARD, Malcolm (1991). *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática.
- FARACO, Carlos (1992). *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre (1997). *Focalização no português do Brasil*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2 vols.
- LABOV, William (1972). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- PAIVA, Maria da Conceição; OLIVEIRA e SILVA, Giselle & RONCARATI, Cláudia (1992). *Sexo e sua relação com outras variáveis*. Comunicação apresentada no VI Encontro Nacional da ANPOLL. Recife: UFPE, 8 p., mimeo.
- THORNE, B. & HENLEY, N. (1975). *Language and sex*. Rowley: Newbury House.
- WEST, Candance (1983). *Tagarelice: sentido habitual e lingüístico*. In: FOREL, C. & AEBISCHER, V. (orgs.). *Falas masculinas, falas femininas: sexo e linguagem*. São Paulo: Brasiliense.